

O FANTASMA SE FAZ CARNE: alguns usos dos termos “comunismo” e “comunista” por parte das correntes neofascistas

*The Ghost Becomes Flesh: Some uses of terms “comunism” and
“comunista” by neofascistic chain*

Daniel Perico Graciano¹

Cássia Dos Santos²

Resumo: Este artigo busca expor diferentes usos dos termos “comunismo” e “comunista”, conforme enunciados por sujeitos atravessados por formações discursivas identificadas à extrema direita, no intuito de depreender as ressignificações que advêm de tais usos, a partir dos postulados teórico-metodológicos da Análise do Discurso de matriz francesa, da retórica e da argumentação. Partimos da hipótese de que um signo não é signo de algo transcendente a si, mas de um processo que envolve uma desterritorialização e uma reterritorialização de sujeitos, práticas e instituições. O sentido se modifica a partir da circulação dos termos no espaço público, no interior de uma conjuntura e de acordo com as relações de força que constituem tal conjuntura e são por ela constituídas. Nosso corpus se constitui de excertos, selecionados na web por seu valor emblemático de representações de sistemas de valores, que nos permitem investigar os usos mais correntes dos termos no interior das formações discursivas supramencionadas.

Palavras-chave: análise do discurso; retórica e argumentação.

Abstract: This article aims to expose different uses of the terms “communism” and “communist”, as

¹ Redator. Doutorando em Linguística pelo PPGL/UFSCar. dani_p.graciano@hotmail.com.

² Redatora. Mestranda em Filologia e Língua Portuguesa. PFLP/USP. cassiasant@usp.br.

enunciated by subjects crossed by discursive formations identified to the extreme right, in order to understand the resignifications that arise from such uses, from the theoretical and methodological postulates of Discourse Analysis, rhetoric and argumentation. For this, we start from the hypothesis that a sign is not a sign of something transcending itself, but of a process that involves a deterritorialization and a reterritorialization of subjects, practices and institutions. In such a way that the meaning changes from the circulation of terms in the public space, within a conjuncture and according to the power relations that constitute such a conjuncture and are constituted by it. Our corpus consists of excerpts, selected on the web because of the emblematic value of representations of value systems, which allow us to investigate the most current uses of terms within the aforementioned discursive formations.

Keywords: Discourse Analysis; rhetoric e argumentation.

1 INTRODUÇÃO

Há um novo fenômeno neofascista³ se espalhando por todo o globo. De seus gabinetes e de seus verdadeiros bunkers digitais, os novos fascistas veem algo que não está lá. O medo típico daqueles que sofrem com uma impotência de ser e agir, faz ver. Eles veem fantasmas. Sob um véu feito de neoarcaísmos⁴ (racismos, nacionalismos, preconceitos de gênero etc.) há um efeito de verdade: o fantasma do “comunismo”. No entanto, o neofascista sabe que, ao cair do véu, também se notará o desaparecimento do efeito de verdade, se constatará a ausência do inimigo e, em decorrência disso, a ausência de luta e, assim, a ausência de vida. Como no fetiche da roupa íntima descrito por Freud, o fetiche

³ Entendemos por “fenômeno neofascista” as recentes ondas, manifestas principalmente a partir de páginas da web, que incorporam ideias fascistas que se adequam às políticas e a economia neoliberais.

⁴ Entendemos por “neoarcaísmos”, a incorporação de valores culturalmente superados, atualizados segundo a lógica neoliberal.

do novo fascista está no véu e não naquilo que ele esconde. Como veremos nas análises que seguem, o comunismo e o comunista são construídos discursivamente com características fantasmagóricas, a partir de um imaginário metafísico, sobrenatural, um potencial quimérico que infunde terror. O fetiche, deriva de “feitiço”, como que um deslumbramento com a própria ideia do perigo iminente, um fetichismo, cuja força interna é concentrada no prazer da projeção fantasmagórica.

No entanto, não se trata de um resquício de arcaísmos de outrora, mas de um fascismo emergente, pois “o (novo) fascismo é a outra face do neoliberalismo” (LAZZARATO, 2019, p. 9). O pesadelo político atual evidentemente fugiu do controle do poder e se voltou inclusive contra as relações de forças que o criaram. Um bom exemplo disso, pode ser visto nos intermináveis embates ocorridos nos últimos anos entre o governador do Estado de São Paulo, João Dória, e o presidente da república, Jair Messias Bolsonaro em que ambos se acusam de retardar o funcionamento da máquina estatal, seja acerca de decisões voltadas às medidas de “combate” à pandemia, ou ainda sobre a administração de recursos públicos, ambos declararam apoio mútuo nas eleições de 2018. Além disso, lembrando a ideia benjaminiana⁵ de que o fascismo é o suicídio do Estado, se evidenciam, cada vez mais, os colapsos provocados na própria economia neoliberal pela onda neofascista. É assim que as forças de onde emergiram tal pesadelo se veem colapsadas pelo próprio monstro que criaram.

A violência atual do Estado (neo)fascista inventa um inimigo, cria uma ameaça “comunista” inexistente como um pretexto para exercer sua política de terror. O Estado (neo)fascista é a fusão entre o Estado de Direito e o Estado de Exceção. Basta que um movimento organizado ou

⁵ Para Walter Benjamin (1986), o fascismo se caracteriza como uma tentativa de suicídio do Estado que, totalmente inflado, não suporta mais o próprio peso.

até mesmo um sujeito, seja ele atravessado por uma formação discursiva de extrema direita, de esquerda, de direita, de “centro” etc., manifeste qualquer discordância com as medidas governamentais, para que, no Brasil, o exército civil de Jair Messias Bolsonaro, realizado principalmente por meio de mídias sociais, se alarme contra o avanço de uma “ameaça comunista”. De acordo com Mbembe (2018, p. 17), “em tais instâncias, o poder (...) continuamente se refere e apela à exceção, à emergência e a uma noção ficcional do inimigo”.

O governo de Jair Bolsonaro é “uma mutação da experimentação ‘neoliberal’ erigida sobre os cadáveres dos milhares de militantes comunistas e socialistas do Chile e de toda a América Latina” (LAZZARATO, 2019, p. 20). A figura do “superministro”, o Chicago Boy Paulo Guedes, nada mais é que uma reterritorialização de Milton Friedman no governo de Pinochet. A ditadura chilena de 1975 se atualiza no governo neofascista de Jair Messias Bolsonaro. Em ambos os casos, governos relativamente à “esquerda” sofreram golpes de Estado para possibilitar o surgimento de condições propícias para a implementação da economia (e da política) neoliberal, enquanto um verdadeiro linchamento midiático direcionado aos partidos de esquerda e centro esquerda impossibilita qualquer tipo de oposição crítica em relação ao neoliberalismo. Qualquer tipo de interferência minimamente compassiva e humanitária que questione as barbáries neoliberais são tachadas como “comunistas”. Lembrando que o signo atualiza a designação uma forma de vida pautada na produção do comum em um insulto, um “xingamento”.

Questões terminológicas se colocam automaticamente: o que é comunismo? Quem são os comunistas? Em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos⁶, Michael Hardt explica:

O comunismo é um processo destituente que desestabiliza não só as instituições vigentes, mas também as ideias dominantes. Aos poderes da crítica, no entanto, deve-se sempre acrescentar processos criativos de experiências com novas formas de relação social, com novos modos de vida. Aos poderes destituintes do comunismo deve-se acrescentar processos constituintes (HARDT, 2020).

Trata-se de algo bem distante do senso comum, que circula, inclusive, entre os socialistas e sociais democratas, que, muitas vezes, reivindicam para si o nome “comunista” como quem reivindica um título de nobreza⁷. O comunismo (e, portanto, os comunistas) defende “não a exaltação do Estado, mas sua abolição, não a celebração do trabalho, mas sua libertação, assim como a experiência de formas de liberdade e participação democrática” (HARDT, 2020). Já no socialismo privilegia-se, basicamente, a tomada dos meios de produção pelo trabalhador, tal como a distribuição das riquezas a partir da abolição da propriedade privada e das classes. O capitalismo, por outro lado, pode ser definido, grosso modo, como um sistema de produção de subjetividades que visa garantir, através de variados meios, a manutenção do Estado e da propriedade privada, agravando-se, além de tudo, com a possibilidade de acumulação de capital. Para ilustrar as diferenças práticas, vamos a uma situação concreta: uma propriedade privada, por exemplo, no socialismo, seria estatizada, se tornando propriedade do Estado, ao passo que no comunismo não haveria propriedade, esse objeto seria um

⁶ “O Comunismo é a crítica de tudo o que existe”. Entrevista com Michael Hardt. Publicada no portal do Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/516472-o-comunismo-e-a-critica-de-tudo-o-que-existe-entrevista-com-michael-hardt>. Último acesso em 28/04/2020.

⁷ O mesmo ocorre com partidos como, por exemplo, “Partido Comunista Brasileiro” e “Partido Comunista do Brasil”. Isso ocorre por uma questão estratégica, o termo foi adotado por Lenin para sugerir que a revolução bolchevista chegaria até um “último estágio”, não se restringindo ao socialismo. O socialismo seria uma transição necessária.

bem comum, de uso comum, pertencente à multidão, isto é, a todos e a ninguém. Como podemos ver, as definições já cristalizadas historicamente de “comunismo” e “comunista”, em tese, não se aplicariam a líderes de instituições, chefes de Estado, partidos políticos, donos de meios de produção, influenciadores digitais, canais e meios de comunicação ou qualquer outro meio de produção capitalista.

Dado o problema, eis nossa hipótese: um signo não é signo de algo transcendente a si, mas de um processo que envolve uma desterritorialização e uma reterritorialização⁸. Os signos “comunismo” e “comunista”, quando enunciados por um neofascista, desterritorializa os reacionários e os reterritorializa como subversivos; desterritorializa os moderados e os reterritorializa como radicais e assim por diante. Para que se sustente o medo do fantasma, de um ataque que não apresenta ameaças reais, os neofascistas veem o comunismo em todos os seus antagonistas, para que possam se manter sempre em alerta. Trata-se, portanto, de objetos tanto linguísticos quanto discursivos, que podem ser descritos a partir de sua circulação no espaço público, no interior de uma conjuntura dada e de acordo com as relações de força que a constituem e são por ela constituídas.

No intuito de olhar analiticamente para múltiplos usos dos termos “comunista/comunismo” no espaço público, se faz necessário observar o funcionamento de algumas de suas características, tais como a relativa estabilidade da superfície linguística e sua inscrição em uma dimensão que indique sua colocação em discurso, posto que os enunciados emergem em um dado momento e em um dado lugar, atestando em si uma convergência de questões sociais ao mesmo tempo em que são

⁸ “[...] o território é o espaço estável, deixar esse espaço é desterritorializar, aceitando o caos e se abrindo para o acontecimento, na busca do novo. A territorialização consiste, basicamente na construção da instabilidade do espaço psicossocial, enquanto a reterritorialização é sua atualização” (GRACIANO, 2020, p. 109).

constituídos por elas. Afinal, um enunciado é efeito de um conjunto de disputas manifestas nos múltiplos posicionamentos em que ele mesmo se expressa, ao passo que também é o principal elemento constituinte dessas mesmas disputas. O conjunto de excertos analisados abaixo apresentam uma relação íntima com a atual conjuntura político econômica, pois veiculam usos dos termos “comunismo” e “comunista” que a reflete. Trata-se de um conjunto de signos-sintomas dos valores que elevaram ao poder o governo neofascista no Brasil. O corpus foi retirado de páginas da web e todos os excertos componentes datam do período entre 2019 e 2020. A partir do corpus confrontamos os enunciados com o objetivo de observar as diferentes formas de regulação pelo conjunto de regras que determinam as condições de sua realização em discurso. Assim, depreendemos as diferentes formas como os sentidos se desterritorializam e se reterritorializam.

2 O fantasma se faz verbo e o verbo se faz fantasma

Alguns aspectos composicionais das palavras podem colaborar para a pregnância de sua circulação, como, por exemplo, sua estrutura léxico-sintática e por evocar uma memória apoiada em um regime discursivo fortemente instituído pela mediação televisiva, jornalística e memética nas últimas décadas. No que concerne aos aspectos composicionais das palavras, ambos os termos correspondem a um único sintagma, que se compõe morfologicamente de um radical e um sufixo: “comunismo” (radical “comum” + sufixo “ismo”), “comunista” (radical “comum” + sufixo “ista”). Por isso, nos dois casos, há mais facilidade de cristalização do sintagma no interior da língua (sistema linguístico), já que um termo simples tende a ganhar maior circulação e se abrir mais às polissemias, considerando que a possibilidade de encadeamentos de signos em sua estrutura fraseológica se abre a infinitas possibilidades de

combinação. Não há qualquer homogeneidade relativa às definições dos termos, cuja circulação apresenta uma miríade de posicionamentos que atravessam seus enunciadores. O que se entende por “comunista” e “comunismo” é atravessado por variações de sentido no interior de uma formação de extrema direita.

No entanto, a circulação dos termos, no que concerne a essa formação discursiva⁹ específica, a da extrema direita, também apresenta características em comum. Os excertos abaixo permitem depreender certas regularidades: o termo “comunista” aparece tanto como substantivo, quanto como adjetivo, ao contrário de “comunismo”, que aparece sempre como substantivo. O primeiro costuma circular, no reduto da extrema direita, de onde privilegamos nossa coleta de ocorrências, em associação com termos que denotam falhas éticas ou morais, como “assassino”; assim como em relação a termos que denotam filiações ideológicas historicamente opostas, como “nazista”. Temos aí a indicação de que tal regime de circulação agrupa o termo em uma semântica do perigo iminente, do risco ao pacto social. O mesmo ocorre em relação a “comunismo”, que circula junto a “nazismo”, “ameaça” e “ditadura”. Podemos ver nos excertos abaixo um tipo de uso de “comunista” e “comunismo” que permite que o locutor produza uma imagem de si aguerrida, relativa à busca de uma verdade fixa e imutável, que visa desmascarar uma ameaça que se aproxima de forma sorrateira.

Nos excertos seguintes, o enunciador se vale de uma estratégia de retórica baseada na falácia lógica da falsa equivalência para sustentar uma ideia de correspondência entre “comunista” e “nazista” e “comunismo” e “nazismo”. Tal estratégia consiste no seguinte equívoco lógico: se A é conjunto de 'c' e 'd', e B é o conjunto de 'd' e 'e', então, já

⁹ Entendemos por formação discursiva, um “conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2008, 136).

que ambos contêm d, A e B são iguais; de forma que a existência de ‘d’ não seja necessária em ambos os conjuntos. Por exemplo: se A e B discordam de C, A e B são iguais. Sabendo dos terríveis crimes contra a humanidade cometidos pelos nazistas, ações que ainda hoje causam revolta na maior parte da população mundial, a estratégia em ambos os excertos é igualar A (comunista) a B (nazista) para, paradoxalmente, fortalecer C (neofascista) e enfraquecer A.

Excerto 1:

“Dois regimes assassinos, mas o Comunismo é bem pior, pois foi o assassino de seu próprio povo já que o Nazismo não foi genocida”. (22/10/2019)¹⁰

O enunciado compara “Comunismo” a “Nazismo”, colocando o primeiro como inferior (“pior”) ao segundo. A escolha do léxico revela muito da posição do enunciadador: o uso do substantivo “regime”, por exemplo, retoma uma memória que remete ao intertexto político em sua forma ditatorial e totalitária (regime militar, regime absolutista, antigo regime etc.). Colocado em igualdade ao “Nazismo”, “Comunismo” é qualificado como assassino (“Dois regimes assassinos”). No entanto, o enunciadador qualifica “Comunismo” como “bem pior” que o “Nazismo”, por ser “assassino de seu próprio povo”, enquanto que o “Nazismo não foi genocida”. Primeiramente há um contrassenso lógico no enunciado, uma falácia: se os “dois regimes” são “assassinos”, como pode um deles não ser? Assassino é aquele que mata, logo quem não mata não pode ser assassino. Além disso, revela-se a posição negacionista do enunciadador, pois ele nega o holocausto e as demais atrocidades nazistas:

¹⁰ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/parlamento-europeu-nazismo-comunismo/>. Último acesso em 19 de maio de 2020.

“o Nazismo não foi genocida”. Vidal-Naquet, ao falar do negacionismo histórico em relação ao holocausto, enfatiza que:

De repente, o genocídio dos Judeus deixa de ser uma realidade histórica vivida de maneira existencial para tornar-se um instrumento banal de legitimação política, evocada tanto para obter essa ou aquela adesão política dentro do país quanto para pressionar a Diáspora e fazê-la seguir incondicionalmente as inflexões da política israelense. Paradoxo de uma utilização que faz com que o genocídio seja ao mesmo tempo um momento sagrado da história, um argumento muito profano e até uma ocasião de turismo e comércio. (VIDAL-NAQUET, 1988, pp. 146-147)

A negação dos múltiplos genocídios nazistas, que tiveram por alvo judeus, ciganos, homossexuais, negros, mestiços, pessoas com alteridades funcionais e – pasmem – comunistas, é usada pelo enunciador para legitimar sua aversão ao que ele entende por “comunismo”, pois, para que um “regime” seja “pior” que o outro, é preciso que suas práticas não sejam idênticas: um é genocida, enquanto o outro não o é. Isso revela que a formação discursiva do enunciador tende mais para o nazismo que para o comunismo. Além de ser atravessado por uma formação discursiva anticomunista, o sujeito também é atravessado por uma formação antissemita, o que não causa espanto, posto que o negacionismo “surge como uma tentativa intolerante e predatória da memória da Segunda Guerra Mundial, e consiste atualmente numa das maiores expressões do anti-semitismo da extrema-direita” (CALDEIRA NETO, 2009, p. 1107).

Outras comparações entre “comunismo” e “nazismo” aparecem, sob a forma das variações “comunista” e “nazista”, como no exemplo abaixo:

Excerto 2:

“(…) **em qualquer tipo de estado socialista — nazista ou comunista** —, o plano econômico do governo é parte da lei suprema do país. Temos

157

uma boa ideia de quão caótico é o chamado processo de planejamento do socialismo”¹¹.

Aqui “comunista”, assim como “nazista”, aparece em uma relação de hiponímia com “socialista”. Para o enunciador, “comunista” é um tipo de “socialista”, pertence a. Coloca-se novamente a equivalência entre comunistas e nazistas, ambos contidos em um mesmo “planejamento”: “qualquer tipo de estado socialista”. O argumento é historicamente falacioso, pois desde os pensadores da teoria comunista do século XIX até os do século XXI, é consenso que o comunismo é ácrata e apátrida, isto é, não é compatível com o Estado. Marx e Engels apresentam uma posição radical contra o Estado: “o Estado, a propriedade privada e assim por diante transformam os homens em abstrações, ou como os produtos são homens abstratos, em vez de serem a realidade do homem individual e concreto” (2003, p. 216); para Abensour, “a democracia só existe na medida em que ela se levanta contra o Estado” (2004, p. 8); para Paolo Virno: o comum “é, portanto, negativo ou intersticial, útil somente para indicar a desordem que precede a instituição do Estado ou os tumultos que acompanham a sua crise temporária” (1994, p. 108).

Trazemos, a título de documentação histórica, um enunciado do próprio Adolf Hitler, retirado de seu livro *Minha luta*, dizendo que sua trajetória política havia, até aquele momento, sido guiada por “um princípio geral básico e de grande poder conquistador, **que fosse oposto ao marxismo**” (2001, p. 77, grifo nosso). Quanto à equivalência estabelecida entre comunistas e nazistas, cabe lembrar que há equivalências enunciativas realizadas em relação aos nazistas e a extrema direita, como, por exemplo, o ocorrido em janeiro de 2020, em

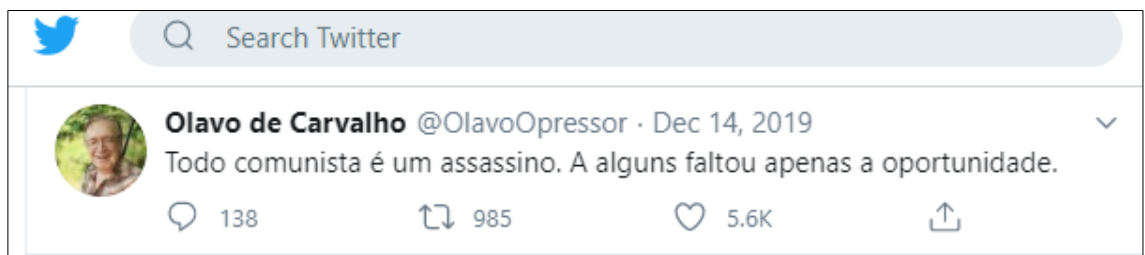
¹¹ Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=98>. Último acesso em 19 de maio de 2020. Grifo nosso.

que o secretário da cultura de Jair Bolsonaro, Francisco Alvim, plagiou boa parte de um discurso de Joseph Goebbels, ministro da propaganda de Hitler, ao som da abertura do III ato da Ópera Die Walküre, de Richard Wagner – a mesma que era usada por Hitler e seus ministros durante seus discursos.

Vejamos um excerto que opera segundo uma forte característica fascista para instaurar uma equivalência relacionada a semântica da ameaça:

Excerto 3:

Figura 1 – Tuite de Olavo de Carvalho



Fonte: twitter.com

No tweet, o filósofo Olavo de Carvalho, célebre por suas radicais opiniões atravessadas por uma formação discursiva de extrema direita, faz uso de um recurso retórico chamado *dicto simpliciter*, em que há generalização a partir da exploração de um argumento indutivo “todo x é y”. Estabelece-se, assim, uma falsa equivalência entre x (comunista) e y (assassino). Segundo Umberto Eco (2018), tomar parte pelo todo para se referir a grupos étnicos, ideológicos ou religiosos é uma das características do discurso fascista, é por meio desse tipo de estratégia que se fixam estigmas em grupos sociais e minorias, abrindo precedentes para todo tipo de perseguição.

A causa de impossibilidade de comprovação da pressuposição levantada (“todo comunista é um assassino”) é, segundo o filósofo, a de que “a alguns faltou apenas a oportunidade”. Posto que “faltou” aparece no pretérito do presente, infere-se que ainda há uma ameaça, posto que a “oportunidade” que “faltou” pode se realizar. O uso do pronome “alguns” para se referir àqueles que, segundo a pressuposição ainda não são assassinos, indica que, na opinião do enunciador, eles são exceções. No Aurélio on-line, a definição de “alguns” é: “Poucos; em pequena quantidade; sem excesso ou exageros: tinha alguns motivos para se demitir”¹². O enunciado desperta assim um efeito de iminência, argumentando, antes de tudo, pelo medo – cuja estrutura lógica é: *Ou P (neofascismo) ou Q (comunismo), Q é temerário, então P. O argumentum ad metum se justifica e se denuncia por meio do nome de usuário do perfil: @OlavoOpressor. O substantivo masculino “opressor”, denota “Indivíduo que é capaz de oprimir; quem age de maneira cruel ou tirana; tirano”*¹³.

O tom de iminência recruta seguidores e instaura certos tipos de reações paranoides desencadeadas pela constante atmosfera de medo e terror criada pelos enunciados. O próximo excerto ilustra tal natureza reativa:

Excerto 4:

Figura 1 – Tuite de Olavo de Carvalho

¹² Disponível em: <https://www.dicio.com.br/alguns/>. Acesso em 19 de maio de 2020.

¹³ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/opressor/>. Acesso em 19 de maio de 2020.

Mulher descumpre quarentena, é detida em Araraquara e acusa 'comunistas'

Em meio a chutes e gritos, ela alegou que o coronavírus era uma ação 'armada para implantar uma ditadura comunista' no país

Fonte: <https://economia.uol.com.br/videos/?id=mulher-descumpre-quarentena-e-detida-em-araraquara-04024E183172E0B96326>

A notícia de jornal traz no título o verbo “acusa”, antecedendo “comunistas”, de maneira que o enunciado sugere que “comunistas” são acusáveis, i.e., sujeitos que, em sua prática, transgridem alguma regra jurídica decretada por um líder máximo e/ou aprovada por parlamentares – em outras palavras, o substantivo “comunista” aparece em relação de sinonímia com “fora-da-lei”. No entanto, o enunciado ainda relata que a acusadora (“mulher”) é que “descumpre quarentena” e é “detida”, se encaixando no grupo daqueles que transgridem uma regra jurídica: a quarentena decretada em 24 de março de 2020 pelo governador do Estado, como medida de proteção em relação ao avanço da pandemia de Covid-19. O enunciador se vale de ironia para evidenciar o lado cômico do acontecimento.

Quanto ao subtítulo, chama a atenção a embreagem, que traz para o enunciado a voz da “mulher” em questão, segundo a qual a pandemia seria uma “ação”: “armada para implantar uma ditadura comunista no país”. Novamente a exploração do argumentum ad metum é reproduzida para garantir o gregarismo dos sujeitos que ouvem e replicam a suposta ameaça.

Podemos constatar, com base nas sequências que nos serviram de amostra, que os sintagmas “comunismo” e “comunista” tem se

cristalizado no interior do grupo social estudado (adeptos e simpatizantes da extrema direita) e, inclusive, um novo sentido se cola aos significantes, abrindo uma “concorrência” em relação aos sentidos anteriores.

Os usos discursivos de termos podem ser investigados a partir de sua reterritorialização, i.e., sua atualização que, colocada em discurso pelos enunciadores, permite sua circulação enquanto uma fórmula. Quais os pontos de vista explicitados por esses enunciadores acerca dos acontecimentos discursivos “comunismo” e “comunista”? Como tais acontecimentos são reproduzidos na enunciação? Os enunciados que seguem, podem exemplificar sua inscrição na dimensão sociocultural.

Em entrevista coletiva concedida no dia 2 de agosto de 2019, em frente ao Palácio da Alvorada, quando questionado acerca dos assassinatos cometidos pelas forças repressivas de Estado durante o regime militar, o presidente da república Jair Messias Bolsonaro declarou:

“Eu lamento todas as mortes que tiveram dos dois lados [poder e resistência]. **Se não tivesse aquela vontade de implementar o comunismo no Brasil, não teria acontecido nada disso**, tivessem aceitado a normalidade que aconteceu, nada teria acontecido” (BOLSONARO, 2020)¹⁴.

Vemos acima uma clara justificativa: o Estado ditatorial agiu, segundo o presidente da república, em legítima defesa, contra uma ameaça (“aquela vontade de implementar o comunismo no Brasil”). O efeito de legitimidade do enunciado é reforçado pelo uso de “se” como uma conjunção, indicando uma concessão que coloca a resistência como culpada pela opressão que sofreu (“todas as mortes”), pois a lógica que permeia o enunciado é: se não tivesse y, não haveria x. Sendo assim, para o enunciador, a “vontade de implementar o comunismo”, isto

¹⁴ Disponível em: <https://exame.com/brasil/bolsonaro-diz-que-vai-responder-stf-sobre-pai-de-presidente-da-oab/>. Último acesso em 19 de maio de 2020. Grifo nosso.

é, a não aceitação da “normalidade” precede o que “aconteceu” (os assassinatos praticados pelas forças repressoras do Estado).

No momento em que uma crise se instaura, as tentativas de suicídio do Estado se mostram evidentes, emergem assim condições propícias para que certos tipos de formações discursivas se mostrem existentes. De acordo com Lazzarato, “a eleição de Bolsonaro para presidente do Brasil marca uma radicalização da onda neofascista, racista e sexista que assola o planeta” (2019, p. 20). A relativa emergência dos países sulamericanos no cenário mundial como testemunhada na década passada é uma importante condição de produção desse tipo de discurso que materializa toda uma sombria tendência neofascista. Rolnik (2018), em ensaio sobre o fenômeno do bolsonarismo, afirma que o presidente da república funciona como uma peça que ocultaria a origem de uma operação cujos interesses escusos visam facilitar a consolidação das práticas neoliberais no cenário político-econômico brasileiro, de maneira que tal demanda se origina nos interesses do hemisfério Norte sobre a América Latina. Sendo assim, o medo do “comunismo” e do(s) “comunista(s)” é a emergência de um pretexto cujo fim é instaurar políticas de austeridade e intolerância condizentes com uma ruptura forçada que reterritorializa os valores ligados às relações intersubjetivas no interior de uma dada configuração sociopolítica.

3 CONCLUSÃO: O fantasma se faz carne?

Em sua *Ética a Nicômaco*, Aristóteles traz uma importante distinção que perdurará através dos séculos, qual seja, a diferença entre *práxis* e *poiesis*. A *práxis* é o tipo de atividade que tem por único resultado sua própria realização, enquanto a *poiesis* é um tipo de atividade produtiva, que tem por resultado um objeto exterior a sua realização. Se por um lado o falante nada gera além da fala efêmera, imaterial e incapaz de

“quebrar nossos ossos”, aquele que faz uso das redes sociais escrevendo ali determinadas ideias, lega, por meio da escrita, um produto. Pode-se questionar: as impressões, perceptos e afetos deixados pela práxis no alocutário não seria, por si só um produto externo ao enunciado, transformando assim toda práxis em poiesis? A isso podemos responder que basear a fala em suas intencionalidades extrínsecas, conforme descritas nas teorias de Austin e Searle, seria como explicar o funcionamento de uma partida de futebol se apegando somente às tristezas e alegrias que o seu resultado desencadearia nos torcedores, ignorando as regras do jogo, seu funcionamento, suas possibilidades. Até onde a vitória do time A ou do time B pode elevar os ânimos e causar uma “guerra” entre as torcidas? Até que ponto a elevação dos ânimos que causam tal “guerra” seria uma consequência discursiva pautada tão somente na potencialidade inerente aos enunciados de produzir desejos e subjetividades? Os sentidos da derrota e da vitória se descolocam de acordo com o contexto sociopolítico em que emergem, de acordo com as relações de forças que se encontram em embate no momento de sua constituição.

Assim, outras questões se colocam: estamos discutindo um fenômeno de ressignificação “natural” a qualquer comunidade linguística? Estaríamos de alguma forma nos apegando a uma visão estritamente referencialista do fenômeno, isto é, acusando uma incompatibilidade entre signo e referente? Tendemos a acreditar, ao contrário, que tal “ressignificação” é socialmente parcial e reflete as condições específicas de sua época. A consagrada fórmula macarthista de outrora dizia: “comunista come criancinhas”, expondo toda uma produção de subjetividades ligadas à proliferação do ódio a determinada orientação político-econômica. Afinal, não é o mundo que reflete as palavras, mas é o mundo por si só reflexo das palavras. As

palavras não descrevem o mundo, elas o arquitetam, moldam, o produzem.

Ao enunciar, criamos. O enunciador cria o mundo e o sentido é recriado, reterritorializado, ressignificado em cada boca que passa. Caso contrário, ao enunciarmos os termos como “comunismo” ou “comunistas”, seríamos obrigados a nos expressar a partir de enunciados como: “aquilo que meu professor de história na escola definiu como comunismo e que, por sua vez ouviu de seu professor...”. Dessa forma, o sentido seria uma eterna confusão, como a desagradável situação em que, como na obra de Lewis Carroll, “o professor lança uma questão do alto da escadaria, transmitida pelos valetes que a deformam a cada degrau, ao passo que o aluno, embaixo, no pátio, envia uma resposta, ela mesma deformada, a cada etapa da subida” (DELEUZE; GUATTARI, 2012. p. 9). Definições e produções de inferências, quando operadas por atores que gozam de certo prestígio social, criam uma realidade adequada no que concerne à manutenção do fenômeno neofascista, ao fazer emergir um programa de verdade condizente com as demandas do poder. É sob tais condições que o fantasma se faz carne.

A verdade acerca dos termos deriva da flexibilidade dos enunciados que a tornam real, condizentes com as linhas de forças constituintes das relações de poder vigentes em cada época, em cada espaço. Ao mesmo tempo, a verdade dos termos é, virtualmente, “um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados” (FOUCAULT, 2018, p. 54). Tal regulação é promovida em nome de uma prevenção, que visa evitar uma potencialidade: o fantasma do comunismo.

Estamos diante de um paradoxo que emerge a partir da associação de um “sentido comum” sobre conceitos atravessados por

certa vagueza. Enquanto esse sentido “comum” atribui determinadas propriedades, a princípio inexistentes, a “comunismo” e “comunista”, por meio da indução se dão algumas incompatibilidades semânticas, pois não há uma distinção clara, por parte dos enunciadores, entre o que é comunismo/comunista e o que não é comunismo/comunista. Fórmulas como *todo x é y*, constituem universais que apresentam o seguinte problema semântico: supondo por exemplo que *y* corresponda a “assassino”, *y* se aplica para todos os *x*, se *x* é um comunista, então *x* é *y*. Tal paradoxo advém da ignorância em relação às singularidades existenciais, tais como do equívoco que coloca a conclusão para além das premissas. Trata-se, portanto, de uma inadequação axiológica que tem por base um julgamento de valores em que se atribui traços disfóricos aos termos.

Em cada um dos excertos acima analisados, podemos ver, para além das estratégias enunciativas que permeiam a produção e manutenção de subjetividades dóceis em relação ao poder vigente, a produção de inferências constituídas na situação interlocutiva. Um enunciado é capaz de materializar condições de existência específicas, de dar corpo aos medos, de fixar realidades: ao proferir “isso é um assalto” no interior de uma agência bancária, o assaltante subverte o território psicossocial dos envolvidos, convertendo os clientes e funcionários do banco em vítimas de sequestro. O mesmo ocorre quando se acusa determinado grupo de assassinato, conspiração ou genocídio, convertendo-o, a partir da cristalização ampla de novos significados e sentidos no interior do espaço público, em um grupo a ser perseguido, odiado e rechaçado.

REFERÊNCIAS

ABENSOUR, M. **La démocratie contre l'État**. Paris: édition du Félin, 2004.

BENJAMIN, W. Crítica da Violência. Crítica do Poder. In: W. Benjamin. **Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie**, org. W. Bolle, S. Paulo: Cultrix/EDUSP, 1986.

CALDEIRA NETO, O. Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história. In: **Antíteses**, vol. 2, n. 4, jul.-dez. de 2009, pp. 1097-1123.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 2012.

ECO, U. **Fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. São Paulo: Paz e terra, 2018.

GRACIANO, D. P. **Os dentes elétricos dos canibais: uma cartografia dos fluxos semióticos na canção de resistência da década de 1960**. Dissertação. Mestrado em Linguística, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2020.

HITLER, A. **Minha luta**. São Paulo: Editora centauro, 2001.

LAZZARATO, M. **Fascismo ou revolução: o neoliberalismo em chave estratégica**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

VIDAL-NAQUET, P. **Os assassinos da memória: um eichman de papel e outros ensaios sobre o revisionismo**. São Paulo: Papyrus, 1988.

VIRNO, P. **Mondanità: L'idea di "Mondo" tra Esperienza Sensibile e Sfera Pubblica**. Roma: Ed. Manifestolibri, 1994.

Esta publicação deverá ser citada da seguinte forma:

GRACIANO, D. P.; SANTOS, C. dos. O fantasma se faz carne: alguns usos dos termos “comunismo” e “comunista” por parte das correntes neofascistas. **Revista DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem**, Pouso Alegre/MG, ano 7, nº15, jan-jun/2022, p. 148-168.